

PROGRAMA DE ATENÇÃO à violência doméstica

Primeiro lugar do 4º Prêmio FAPEU de Divulgação Científica - Talentos. Categoria Graduação

Por Jennifer Morel Hartmann (Jornalismo) *

A violência doméstica já afetou mais de 13 milhões de mulheres no Brasil e continua a ser um assunto sensível na sociedade, mesmo após oito anos da sanção da Lei Maria da Penha. A denúncia é fundamental para a redução da violência, mas um ponto crucial na descoberta e tratamento dos casos se encontra na saúde pública. Muitas mulheres vão às unidades de saúde com sintomas recorrentes (como dor pélvica crônica, dor que não tem nome ou lugar, lesões

físicas sem explicação) e os profissionais não percebem que estes provêm de um problema sério, que é a violência dentro do lar. Para resolver essa deficiência no atendimento das unidades de saúde foi criado, na UFSC, um projeto que capacita profissionais do SUS a identificar casos de violência doméstica.

O projeto “Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos”, do Departamento de Saúde Pública do Centro de Ciências da Saúde, é coordenado pela professora Elza Coelho. A capacitação atende profissionais de todo o Brasil e é gratuita, à distância, com duração de três meses.

Ao todo, 13 tutores estão à disposição para acompanhar os alunos, tirar eventuais dúvidas e verificar se estão conseguindo acompanhar as aulas.

O curso foi feito para profissionais de diversas áreas do SUS como médicos, enfermeiros, assistentes sociais e dentistas. A importância da sensibilização é fundamental para a constatação dos casos, como a enfermeira Sheila Lindner demonstra ao afirmar que o curso abriu-lhe uma nova perspectiva profissional. Ao acolher uma vítima de violência doméstica, conta, ela encaminhou o caso para o Núcleo de Apoio à Saúde da Família e ajudou a pessoa a ver a impor-

Violência contra a mulher no Brasil

Lei Maria da Penha



Oito anos da lei
99% das mulheres já ouviram falar sobre ela

Violência e agressores



13 milhões e 500 mil mulheres já sofreram algum tipo de agressão
65% foram agredidas pelo companheiro
31% ainda convivem com o agressor

14% ainda sofrem algum tipo de violência
700 mil brasileiras continuam sendo vítimas de agressões
Brasil é o **7º** país onde mais se matam mulheres

Tipos de violência



Física: **62%**
Moral: **39%**
Psicológica: **38%**

Denúncias



40% procuraram ajuda após a primeira agressão
Atendimento à mulher (telefone 180) já prestou mais de **2,7 milhões** de atendimentos desde 2012
34% procuraram alternativas à denúncia formal (parentes, amigos, igreja)
15% não fizeram nada a respeito

Fonte: Data Senado

tância de ser proativa e reagir àquela situação que está vivendo.

O objetivo é que os alunos aprendam a reconhecer se os sintomas e lesões apresentados por quem procura as unidades de saúde estão ligados a situações de violência por parceiros íntimos. Se este for realmente o caso, eles aprendem como realizar o acolhimento e os encaminhamentos necessários. O curso tem sete módulos, dos quais o aluno escolhe quatro para estudar (ver quadro Módulos do Curso). Tratam, basicamente, de estratégias para o cuidado com a pessoa que sofre agressões e das políticas públicas de enfrentamento da violência.

Em 2014 foram capacitados 1.500 profissionais em duas turmas. Para a etapa seguinte, que iniciou em novembro daquele ano, foram ofertadas mais mil vagas para todo o país. Thays Berger, coordenadora de tutoria do projeto, explica que, como o tema é muito sensível e importante, busca-se atender a todos que o procuram; se o profissional não consegue uma vaga na turma que está abrindo agora ele é encaminhado para a próxima. A enfermeira Karine do Vale Silva, do Maranhão, afirma que “todos os tópicos têm sido importantes para nossa prática, principalmente os relacionados às ações de investigação e intervenção, porque a violência entre parceiros íntimos tem ampla repercussão devido às graves consequências, que, em muitos casos, levam a morte”.

Mesmo com muitos casos, a violência doméstica ainda é um assunto comentado com cautela. “No Brasil ainda se tem muito a visão de que em ‘briga de marido e mulher ninguém mete a colher’, então poucos casos são denunciados. A violência ainda é vista como um assunto resolvido na delegacia, mas é também uma questão de saúde,” explica a coordenadora, que percebeu a necessidade de capacitação dos profissionais da saúde alguns anos atrás, quando pensou no projeto.

Homens também sofrem com a violência doméstica. “Eles também são vítimas, mas muito mais de agressões psicológicas, ao contrário da mulher, que sofre mais agressões físicas”, diz Elza Coelho. Por isso o projeto também estuda os casos que ocorrem com os homens.

Módulos do curso

1 Apresentação do curso

2 Atenção a homens e mulheres em situação de violência

Ensina os profissionais como atuarem na atenção a homens e mulheres em situação de violência a partir do reconhecimento dessas situações, além de permitir a elaboração de estratégias para o cuidado. São mostrados fatores de riscos, sinais e sintomas para a identificação de violência.

3 Políticas públicas no enfrentamento da violência

Mostra as principais políticas, legislações e conferências realizadas, com o intuito de estabelecer diretrizes para o enfrentamento da violência.

4 Rede de atenção às pessoas em situação de violência

Instrumentalizar o profissional da saúde para o reconhecimento da estrutura da rede na atenção a pessoas em situação de violência, podendo assim reconhecer ela em seu território de atuação.

5 Violência: definições e tipologias

Explica as definições de violência e os tipos de violência: física, psicológica, sexual e comportamento controlador. Tem por objetivo fomentar a reflexão sobre as diferentes definições de violência entre parceiros com o propósito de ajudar o profissional a detectar sinais de violência vividos pelos pacientes.

6 Violência e perspectiva relacional de gênero

Ressalta a importância da leitura relacional de gênero para a compreensão sobre o fenômeno da violência entre parceiros íntimos. São abordadas as peculiaridades da violência contra as mulheres e os homens e a violência contra a população LGBT.

7 Violência no contexto familiar

Módulo para pensar a violência no contexto familiar e suas repercussões. Apresenta ferramentas de reflexão e intervenção que favoreçam o melhor acolhimento profissional realizado pelas equipes que atendem famílias nessas situações.

Inscrições em: violenciaesaude.ufsc.br

Apesar de serem em menor escala e menos agressivos, podem e devem ser diagnosticados por profissionais da saúde.

Em 2011 foram registrados, no Brasil, mais de 70 mil casos de violência contra mulheres. E, destes, 71,8% aconteceram dentro de casa, com uma taxa elevada de reincidência que chega a 51%. Do lado masculino, o número de ocorrências dentro do lar é menor: 45%.

Para a coordenação do projeto, a

atenção básica e uma maior harmonia entre profissionais que tratam dos casos são fundamentais no processo de “desvinculação do agressor e libertação das pessoas que sofrem com violência doméstica”. Ao chamar a atenção para alguns sintomas, consideram que o primeiro passo, na saúde, foi dado.

*Orientadora: Gislene da Silva
Departamento de Jornalismo